

## A “SOCIEDADE DO RISCO” E A PRÁTICA DE ATIVIDADES NA NATUREZA: MERGULHANDO NA LITERATURA

LUCIANA SILVA ABDALAD; MARIA AUXILIADORA TERRA CUNHA; JACQUES ARAÚJO NETTO; ELZIR MARTINS DE OLIVEIRA; VERA LUCIA DE MENEZES COSTA.  
Centro Universitário Augusto Motta - UNISUAM/ RJ, Brasil  
[luabdalad@globocom](mailto:luabdalad@globocom)

### INTRODUÇÃO

Alguma coisa nos faz diferente. Nascemos com os olhos acostumados ao azul das águas. Temos um corpo que anseia pelo braço do mar e um pulmão que aceita grandes privações de ar apenas para prolongar nossa vida no mundo azul. Somos homens e mulheres de espírito inquieto. Buscamos na nossa vida mais do que foi dado. Passamos por grandes provas para nos aproximarmos dos peixes. Transformamos nossos pés em grandes nadadeiras, seguramos o calor do nosso corpo com peles falsas. E tudo isso para quê? Para podermos satisfazer uma paixão, um sonho. Porque nós, algum dia, de alguma forma nos apresentamos a um mundo novo. Um mundo de silêncio, calma, mistério, respeito e amizade. E esta calma e silêncio nos fizeram esquecer a bagunça e agitação do nosso mundo natal. O mistério envolveu nosso coração sedento de aventura.

Neste relato sobre os mergulhadores, Cousteau (2009), oceanógrafo, comenta que esses homens e mulheres são indivíduos de “espírito inquieto”, e, que “alguma coisa” faz com que sejam diferentes. São pessoas que, mergulhando, buscam mais do que a vida lhes deu e anseiam pelo “mundo azul” das águas marinhas. Possuem os olhos familiarizados com o azul, o corpo ansioso por outra dimensão e os pulmões treinados e conformados a “grandes privações de ar” para viverem essa experiência. E é uma “grande prova”. Com seus corações sedentos de aventura eles correm riscos, transformam seus pés em “grandes nadadeiras” e utilizam “peles falsas” a fim de segurar o calor. Satisfazem sua paixão e sonho de desbravarem um “mundo novo”. Escapam da rotina cercada pela “bagunça e agitação” do mundo e partem rumo ao “silêncio, calma, mistério, respeito e amizade” encontrados no fundo dos mares. Transformam-se. Aventuram-se. Arriscam-se.

### A “SOCIEDADE DO RISCO”

As práticas que envolvem risco, no pensamento defendido por Beck (1993) e Giddens (2002), registram um número crescente de praticantes na sociedade contemporânea, também chamada de “sociedade do risco” por alguns outros autores. Beck (1993) estabelece uma periodização da modernidade em três estágios: a pré-modernidade, a modernidade clássica e a modernidade reflexiva. A clássica, ou sociedade industrial, dissolveu a estrutura feudal e rompeu com as tradições da pré-modernidade. A reflexiva começa a dissolver as estruturas da sociedade industrial. É uma sociedade que dispõe de novas possibilidades de transformações e de desenvolvimento racional da condição humana: maior igualdade, maior liberdade individual e maior capacidade de auto formação. Esta sociedade reflexiva, também denominada sociedade do risco, caracteriza-se, entre outros aspectos pela globalização, individuação e reflexividade.

A globalização, na perspectiva Beckniana, é o processo de separação das relações entre tempo e espaço que tem como consequência a desterritorialização. Essa articulação de relações sociais que atravessam as fronteiras de tempo e espaço torna-se viável porque o movimento de pessoas, de produtos e de informação começou a ser facilitado pelos avanços nos meios de transporte. Entretanto, a condição *sinequa non* da globalização encontra-se entre os desenvolvimentos, aperfeiçoamentos e acessos à mídia eletrônica.

A individuação se refere às transformações que vêm ocorrendo nas instituições tradicionais – família, trabalho e educação –, fazendo com que as biografias tornem-se processos centrais na constituição da subjetividade contemporânea.

A reflexividade refere-se à revisão crônica da maior parte dos aspectos da atividade social e das relações com a Natureza, à luz de novas informações. Esse processo perpassa nossa vida cotidiana, pensada como esfera privada, o projeto da ciência e a própria atividade de governo.

O teórico acrescenta que existem três dimensões de perigo que podem ser diferenciadas na sociedade global de risco, a saber, a crise ecológica, a crise financeira global e o perigo terrorista, sobretudo a partir de 11 de setembro de 2001, causado pela rede transnacional terrorista. A partir daí, um modelo comum de possibilidades e contradições políticas poderia ser discutido. As preocupações com o risco e com as tentativas de estimativas de risco na vida social moderna, no entanto, não possuem uma ligação direta com a prevalência de perigos para as rotinas individuais. Como afirma Giddens (2002, p. 109) “ao nível da existência do indivíduo, em termos de expectativa de vida e do grau de liberdade em relação à doença séria, as pessoas nas sociedades desenvolvidas estão numa posição mais segura do que a maioria em épocas anteriores”.

Em relação ao universo esportivo, Le Breton (2009, p. 87) afirma que no mundo ocidental há uma busca crescente por atividades que lidam com o risco. Para o autor, “[a]lucinar-se, explodir de prazer, realizar um esforço além das próprias forças, apesar da exaustão, da fome, do frio, da indecisão ou medo, não ceder à atração irresistível de relaxar, sentir, enfim, o mundo chocar-se contra si, tocá-lo com as mãos, com todo o corpo, tornam-se interiores para grande número de ocidentais”.

Durante a realização de práticas esportivas na Natureza, todos os riscos que se apresentam devem ser devidamente calculados para que os praticantes, em segurança, possam extrair prazer da atividade. No entanto, é importante comentar que o perigo permanece e que em alguns casos a técnica e a coragem dos praticantes não são suficientes para impedir que ocorra um sério acidente. É preciso atenção constante e, muito respeito, aos indícios da Natureza.

Beck (2006, p. 5) comenta que a sociedade do risco é uma sociedade de incertezas fabricadas, ou seja, as “verdadeiras incertezas, reforçadas por rápidas inovações tecnológicas e respostas sociais aceleradas, estão criando uma nova paisagem de risco global”. No campo das atividades de risco na Natureza, a incerteza almejada pelos indivíduos não se apresenta como algo totalmente fora de controle, mesmo que contenha potencialmente o fracasso e até mesmo a morte. Ela permanece na esfera de situação que pode ser administrada e parcialmente controlada pelo praticante. Para Le Breton (2009) ela é a “substância do risco”, e provoca a intensidade e o empenho para o sucesso. É a vivência de novas incertezas que renovam as sensações que o hábito tende a embotar. Ao assumir novos riscos, mudar de local, de estilo ou de parceiros, o praticante mantém a plena intensidade das emoções vividas. Podemos pensar nos montanhistas que buscam novos percursos e montanhas mais altas; nos surfistas que exploram diferentes praias à procura de ondas maiores; ou os mergulhadores que se lançam em profundidades cada vez maiores. Novos desafios são cortejados por esses indivíduos.

Giddens (2002) aponta que existem diferenças entre os riscos que ocorrem voluntariamente e os riscos vivenciados como consequência de um padrão de estilo de vida a que se aderiu. Neste caso, o risco é cultivado ou deliberadamente procurado pelos indivíduos. Para o autor, tais situações tornam possível a demonstração de perseverança, audácia e habilidade e “as pessoas estão claramente conscientes dos riscos envolvidos no que estão fazendo, mas ousam para criar uma incerteza que falta às circunstâncias rotineiras” (p.124). As emoções vivenciadas quando há um “cultivo do risco” envolvem uma busca por situações

incertas, a exposição ao perigo e uma noção confiante de que irá superá-lo. Pode-se pensar nos aventureiros praticantes de esporte de risco na Natureza.

A noção de risco “se torna central numa sociedade que está deixando o passado, o modo tradicional de fazer as coisas, e que se abre para um futuro problemático. Esta afirmação se aplica tanto a ambientes de risco institucionalizado quanto a outras áreas” (p.106). Para o autor, existem novos fatores da sociedade de risco, fundamentais para a melhor compreensão da modernidade. Esses fatores são definidos como os parâmetros do risco na sociedade reflexiva. São eles: a redução dos riscos que ameaçam a vida do indivíduo como consequência da expansão da segurança na atividade cotidiana garantida pelos sistemas abstratos; a construção de ambiente e risco institucionalmente confinados; o monitoramento do risco como aspecto-chave na reflexividade da modernidade; a criação de riscos de alta consequência resultantes da globalização. Ressalta, ainda, que a operação de tudo isso ocorre numa sociedade onde há como pano de fundo um “clima de risco” inerentemente instável.

Quanto ao primeiro fator – a redução dos riscos que ameaçam a vida do indivíduo como consequência da expansão da segurança na atividade cotidiana garantida pelos sistemas abstratos –, nos diz que uma série de mudanças mundiais, como o esgoto sanitário, a água tratada, o aperfeiçoamento contínuo de tratamentos de várias doenças, a disponibilidade crescente de métodos de planejamento familiar, dentre outros, reduziram consideravelmente os riscos da população, embora tenham deixado consequências negativas, como poluição ambiental, aumento do número de acidentes de carro, utilização de remédios inadequados. Porém, em termos de segurança básica de vida, os elementos redutores de risco superam os novos riscos.

Os riscos relacionados às práticas do presente referem-se sempre a futuros acontecimentos, portanto a colonização do futuro abre novas situações de risco, algumas das quais institucionalmente organizadas. Esses sistemas institucionalizados do risco – segundo parâmetro abordado pelo autor – afetam consideravelmente a vida das pessoas. Assim, afirma que “a diferença entre esses sistemas institucionalizados e outros parâmetros de risco é que eles são constituídos pelo risco, não se tratando de uma situação em que ele é acidental” (p. 112). Esses ambientes ligam os riscos individuais e coletivos e exemplifica com a economia capitalista e a bolsa de valores.

O monitoramento do risco, terceiro fator apontado pelo estudioso, é entendido como a avaliação, monitoramento e consequente alteração médica a respeito de patologias. Relata que estudos sobre os perfis de risco das principais doenças que ameaçam a vida humana apontam grandes diferenças entre a virada do século XIX para o século XX e dos dias atuais nos países desenvolvidos (p. 113-115).

A respeito desses aspectos, ou seja, das formas de controle social do risco, Spink (2001) comenta que a percepção dos riscos remete à relação entre o público e os riscos tecnológicos, estando associada, portanto, à pesquisa da aceitação de determinadas tecnologias, como ocorre com as diversas aplicações modernas da engenharia genética. Volta-se também para a perspectiva do controle preventivo dos riscos, buscando, por meio da educação, influir nos comportamentos deletérios para a saúde do corpo e do meio ambiente. Compreende que existem na gestão dos riscos três estratégias integradas: os seguros, as leis de responsabilização por danos e a intervenção governamental direta.

O quarto fator discutido pelo autor trata da criação de riscos de alta consequência resultantes da globalização, que em contraste com os riscos para a saúde, representam o lado escuro da modernidade. São resultados de turbulentos processos de globalização. São os riscos iminentes que provêm de possíveis acidentes nucleares, do aquecimento global. Estes riscos de alta consequência possuem uma característica distinta, pois “quanto mais calamitosos os perigos envolvidos, menor é nossa experiência real do risco que corremos, ou seja, se as coisas ‘derem errado’ será tarde demais” (p.115). Esses fatores estão sujeitos ao erro humano e à sabotagem, o que torna impossível o cálculo confiável do risco. Esses riscos

de alta consequência na sociedade reflexiva constituem um segmento que possui como pano de fundo um “clima de risco” inerentemente instável. É neste “clima de risco” que o homem passa a conviver em um mundo onde a segurança e a estabilidade estão cada vez mais distantes da realidade. Criam-se novas verdades e novos conceitos. Não significa, necessariamente, que a vida cotidiana hoje seja mais arriscada que antigamente, mas “nas condições da modernidade, tanto para leigos como para os peritos em campos específicos, pensar em termos de risco e estimativas de risco é um exercício quase que permanente” (p.117).

As decisões do sujeito em um mundo globalizado, próprio da sociedade do risco, exigem o saber calcular e avaliar um oceano de incertezas que afloram em suas vidas. O risco apresenta-se socialmente na economia, na política, na falta de segurança das ruas, no universo do trabalho; é preciso que o homem saiba administrá-lo e lidar com a sua presença. A incerteza toma conta do cotidiano dos indivíduos, que cada vez mais rompem com o estável, precisando arriscar-se em lances e jogadas que visam à vitória, à conquista. Decisões do cotidiano em situações profissionais, amorosas, financeiras, são tomadas com riscos pessoais. Perdendo suas âncoras de segurança no exterior, o homem as procura em si mesmo. Percebe-se que para Costa (2000) o risco desponta como “um companheiro do cotidiano, e que precisamos conhecê-lo, calculá-lo, controlá-lo”.

Bernstein (1997) relata a história do risco, comentando que até a época do Renascimento o homem percebia o futuro somente como uma questão de sorte ou resultado de algumas variações aleatórias do ambiente. Observa-se, no entanto, que houve um deslocamento do sentido das noções de risco até os dias de hoje. A visão leiga e inexplicável veio se modificando conforme o homem percebia possibilidades de prever e evitar determinadas situações que poderiam ser trágicas. O risco tornou-se, então, uma questão de administração e de busca constante de ser calculado, a fim de ser minimizado.

Giddens (2002) nos diz que uma das características presentes nos indivíduos que se lançam em situações arriscadas são as emoções que podem ser atingidas na vivência do “risco cultivado”. Para senti-las, eles dependem de uma exposição deliberada às situações arriscadas, o que permite que a atividade vivenciada se destaque da rotina do cotidiano. Desta forma “a emoção das atividades de risco envolve diversas atividades discerníveis – a consciência da exposição ao perigo, exposição voluntária a tal perigo, e uma expectativa confiante de superá-lo” (p.125). Complementa esta ideia afirmando que a emoção do risco cultivado se nutre de uma coragem sentida de forma socialmente positiva. O indivíduo passa a cortejar e a vivenciar riscos sem nenhuma obrigação; vive pelo prazer de arriscar-se e de dominar o risco.

A respeito desta emoção Lupton & Tulloch (2002) apresentam a noção de risco voluntário e seus prazeres. Neste artigo, os autores comentam uma pesquisa realizada na Austrália, na qual setenta e quatro pessoas que foram entrevistadas entre os anos de 1997 e 1998. Eles buscaram entender os envolvimento no risco voluntário e traçaram como objetivo identificar os significados que os informantes atribuíram ao conceito de risco, as maneiras como o risco os havia afetado e como os informantes manifestavam essas ideias com estratégias discursivas. Os entrevistados não necessariamente estavam envolvidos com o risco corporal físico, pois risco também estava envolvido na dimensão de arriscar comportamentos e atitudes diferentes, como por exemplo, o caso da informante que era diretora teatral. A pesquisa procurou retratar temas-chaves, narrativas, definições, discursos, histórias sociais e pessoais, artifícios retóricos e expressivos que surgiram das entrevistas transcritas. Apresentam os resultados comentando que três discursos dominantes foram identificados e discutidos nas avaliações dos informantes: o discurso do aperfeiçoamento, o do envolvimento emocional e o do controle.

O discurso do aperfeiçoamento é identificado por meio da metáfora do espaço. Nesse sentido, o risco assumido fica fora dos limites já existentes, ou seja, para se aperfeiçoar você

tem que correr riscos fora dos limites que já conquistou. Os autores transcrevem algumas falas para ilustrar esta ideia “eu penso que risco é sair de uma zona de conforto e deixar um território familiar e partir para o desconhecido, ou fazer algo que você não fez antes” (p.117). Outro informante expressou a ideia de risco assumido como transgredindo as barreiras de segurança, “em relação a alguns aspectos eu sou um viciado no risco, muito do que eu gosto é estar lá fora vagando na ‘terra de ninguém’, atrás das barreiras. De vez em quando vale à pena recuar para lugares seguros. Mas a vida seria muito chata sem risco e eu adoro essas oportunidades” (p.117). Nas falas dos informantes a questão do risco sugere estar fora da zona de conforto e território familiar.

O discurso do envolvimento emocional está relacionado às questões do medo, do nervosismo e do desconforto. Nessa dimensão, correr riscos emocionalmente envolve procurar situações de grande intensidade emocional que causem prazer numa vida que, normalmente, não nos excita. Os informantes atribuem ao risco o sentido de estímulo da adrenalina, sendo este percebido como aventura, desafio e excitação, ou seja, quanto maior o risco maior a excitação. Fica claro que a vívida consciência do risco é parte importante do prazer em participar dessas atividades. Assumir riscos também é uma forma de liberação de sensações de arrebatamento. Resumindo a questão do envolvimento emocional, descrevem que ela está codificada como algo que provoca adrenalina e relaciona os envolvidos com escapes da racionalidade e controle do corpo, para permitir ao corpo viver sensações mais fortes. Existe um sentimento de viver alegremente, de estar mais perto da Natureza do que da cultura e de quebrar as regras que a sociedade nos impõe.

O discurso do controle para eles, está relacionado ao fato de que, muito poucas vezes perdemos totalmente o desejo de controlar nossos corpos, ou seja, podemos vivenciar este controle do risco de forma voluntária ou involuntária. O primeiro exemplo que apontam é de um velejador que retrata a consciência dos riscos quando sai para velejar. Por exemplo, ele poderá sair para velejar contando com bom tempo, e, de repente o tempo muda e ele terá que lidar com acontecimentos não previstos inicialmente. Nesse momento ele terá que lidar com ocorrências não planejadas, mas manter o controle da situação. O inesperado se apresenta neste caso. É uma forma de controle relacionada ao autocontrole individual.

O exemplo de risco involuntário, apresentado pelos pesquisadores, está relacionado a uma pessoa que, por trabalhar numa produção teatral, às vezes precisa subir em escadas altas e confessa sentir medo e prazer por esta situação. Os autores apresentam o relato do informante “ficar balançando numa barra oito metros acima do chão, continuar trabalhando, e depois escapar daquela situação, me dá uma sensação de que eu tenho muito controle sobre meu corpo. E esse é um sentimento bom que eu gosto de viver”. São as sensações de vertigem, que podem deslizar pelos sentimentos de angústia e de prazer. Risco voluntário, para esses informantes, está inerente às suas noções das ligações de seus corpos, quanto eles sentem até que ponto pode ir, e como se sentem conquistando suas emoções de medo e sentimentos de vulnerabilidade. Correr risco conscientemente nesse contexto é visto como viver uma oportunidade de mostrar coragem, dominar o medo, provar alguma coisa para si próprio, que os permita viver uma vida com o sentimento de atividade plena.

Lupton & Tulloch (2002) concluem o artigo afirmando que todos os discursos manifestados pelos informantes apontam para o fato de que uma vida vivida sem riscos é muito restrita e sem desafios. Esses discursos são cotejados por ideias contemporâneas de identidade e individualidade. A noção de correr riscos contribuindo para desenvolvimento, atualização, autenticidade e controle faz parte de um discurso mais amplo que privilegia a individualidade como um projeto que requer trabalho constante e atenção. Correr risco nesse contexto se torna uma prática da individualidade, um meio pelo qual a subjetividade é expressa e desenvolvida de acordo, com valores éticos e morais dominantes.

Os discursos apresentados pelos informantes, quando descrevem o correr riscos, falam de uma emoção intensa e sensação corporal, movimento, fluído e ondas que quebram e

atravessam barreiras culturais. Essas sensações sugerem que o prazer provocado por correr riscos está relacionado com a transgressão de uma imagem corporal civilizada. Contra o ideal de um corpo/individualidade altamente controlado/civilizado existe um discurso que valoriza a fuga do controle e regulação, que permanece desejando depois do corpo 'grotesco', o corpo que é mais permeável e aberto para o mundo. Correr riscos não é somente sobre perda de controle sobre o corpo/individualidade. Para algumas pessoas, noções de controle permanecem centrais no conceito de correr riscos e são partes importantes de seus prazeres. De fato, se bem compreendido, não de uma forma destrutiva, risco voluntário pode levar para uma maior noção de controle resultando numa sensação de conquista e individualidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste breve mergulho na literatura é possível levantar algumas questões: Será que este é o caso dos praticantes de esporte na Natureza? Será que os indivíduos aproximam-se de um discurso do controle? A vivência do risco físico é deliberadamente escolhida por esses desbravadores? O que o risco representa para esses praticantes?

Esses questionamentos emergem para uma possível ampliação das reflexões a respeito do risco nas atividades esportivas contemporâneas realizadas na Natureza.

## REFERÊNCIAS

- BECK, U. *Risk society: towards a new modernity*. Cambridge: *Polity Press*, 1993.
- \_\_\_\_\_. Incertezas fabricadas. *IHU ONLINE*. São Leopoldo, maio 2006. Disponível em: <<http://www.unisinus.br/ihu>>. Acesso em: 15/12/2006.
- BERNSTEIN, P. L. *Desafio aos deuses* – a fascinante história do risco. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- COSTA, V. L. de M. *Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário*. São Paulo: Manole, 2000.
- COUSTEAU, J. Y. *O mundo silencioso*. Documentário. Disponível em: <<http://www.karolmeyer.com>>. Acesso em: 16/05/2009.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- LE BRETON, D. *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- LUPTON, D.; TULLOCH, J. *Life would be pretty dull without risk: voluntary risk-taking and its pleasures*. *Health, Risk&Society*, v. 4, n. 2, p.113-124, 2002.

## THE "SOCIETY OF RISK" AND PRACTICE OF ACTIVITIES IN NATURE: DIVING IN LITERATURE

**Summary:** This article was written based on an outline of a literature review of the Doctoral thesis entitled "The Imaginarium of Social women practitioners of extreme risk - a dive into the world of free divers", with the aim of promoting an expansion in discussions respect of risk in contemporary society. At this time do not bother to discuss issues relating to gender and sport. Dipped himself in some concepts, such as "Risk Society", Reflectivity, Globalization, Individuation, in the approaches of Beck (1993) and Giddens (2002); the "substance of risk", according to Le Breton (2009); Social Risk Control, Spink (2001); and the notion of voluntary risk and its pleasures by Lupton & Tulloch (2002). It is believed that other authors contribute to the expansion of concepts and discussions about risk. However, we chose definitions that could help in the expansion of the reflections on the practice of sports that involve risk situations realized in Nature. From this brief dip in the literature it is possible to raise some questions as: -

The experience of physical risk is deliberately chosen by practitioners of sport in Nature? - What is the risk for these practitioners? These questions emerge for building new visions regarding the risk in contemporary sports.

**Keywords:** Risk Cultivated. Activities in Nature. Sport.

### **LA "SOCIÉTÉ DU RISQUE" ET LA PRATIQUE DES ACTIVITÉS DANS LA NATURE: UNE PLONGÉE DANS LA LITTÉRATURE**

**Résumé:** Cet article a été rédigé à partir d'une section revue selon la littérature de la thèse de doctorat intitulée "l'imaginaire social de pratiquantes de risque extrême - une plongée dans le monde des apnéistes", dont l'objectif est encourager des discussions par rapport au risque dans la société contemporaine. En ce moment nous n'avons pas l'intention d'aborder des questions relatives au genre et au sport. Nous avons plongé dans certains concepts comme la "Société du risque", la Réflexivité, la Mondialisation, l'Individuation, dans les démarches de Beck (1993) et Giddens (2002); la «Substance du Risque», selon Le Breton (2009); le "Contrôle des Risques Sociaux" par Spink (2001); et la notion de risque volontaire et ses plaisirs par Lupton et Tulloch (2002). On croit que d'autres auteurs contribuent au élargissement des concepts et des discussions sur le risque. Cependant, nous avons choisi des définitions qui pourraient contribuer à l'expansion de la réflexion sur la pratique des sports qui impliquent des situations de risque réalisées dans la nature. En ce qui concerne ce bref plongeon dans la littérature, il est possible de poser des questions comme: Est-ce que l'expérience de risque physique est délibérément choisie par les praticiens du sport dans la nature? À quoi le risque signifie pour ces praticiens? Ces questions se posent pour la construction de nouvelles visions concernant le risque dans les activités sportives contemporaines.

**Mots-clés:** Risque cultivé. Activités dans la nature. Sport.

### **LA "SOCIEDAD DEL RIESGO" Y LA PRÁCTICA DE ACTIVIDADES EN LA NATURALEZA: POR INMERSIÓN EN LA LITERATURA**

**Resumen:** Este artículo fue preparado a partir de una delimitación de la revisión de la bibliografía de la tesis doctoral, titulada "El imaginario social de la mujer los profesionales de riesgo extremo - un chapuzón en el universo de apneístas", con el objetivo de promover una ampliación en el marco de las discusiones sobre el riesgo en la sociedad contemporánea. En el momento en que no le importa para examinar las cuestiones relacionadas con el género y el deporte. Él mismo sumido en algunos conceptos, como el de "sociedad del riesgo", reflexividad, la globalización, individualización, en los enfoques de Beck (1993) y Giddens (2002); "Fondo de Riesgo", la segunda Le Breton (2009); Control Social de riesgo, de Spink (2001); y en el concepto de riesgo voluntario y sus placeres, Lupton & Tulloch (2002). Se cree que otros autores contribuir a la ampliación de los conceptos y las discusiones sobre el riesgo. Sin embargo, se optó por definiciones que podrían ayudar a la expansión de las reflexiones sobre la práctica de los deportes que implican situaciones de riesgo en la naturaleza. De esta breve nadar en la literatura es posible plantear algunas cuestiones tales como: La experiencia de riesgo físico es elegido deliberadamente por practicar deportes en la naturaleza. El riesgo representa para estos profesionales? Estas preguntas surgen de la construcción de nuevas visiones sobre el riesgo hoy en los deportes.

**Palabras-llave:** Cultivado Riesgo. Actividades en la Naturaleza. Deporte.

### **A "SOCIEDADE DO RISCO" E A PRÁTICA DE ATIVIDADES NA NATUREZA: MERGULHANDO NA LITERATURA**

**Resumo:** Este artigo foi elaborado a partir de um recorte da revisão de literatura da tese de Doutorado, intitulada “O Imaginário Social das mulheres praticantes de risco extremo – um mergulho no universo das apneístas”, com o objetivo de promover uma ampliação nas discussões a respeito do risco na sociedade contemporânea. Neste momento não nos preocupamos em discutir as questões relativas a gênero e esporte. Mergulhou-se em alguns conceitos, como o de “Sociedade do Risco”, Reflexividade, Globalização, Individuação, nas abordagens de Beck (1993) e Giddens (2002); de “Substância do Risco”, segundo Le Breton (2009); Controle Social do Risco, de Spink (2001); e da noção de risco voluntário e seus prazeres apresentada por Lupton & Tulloch (2002). Acredita-se que outros autores contribuem para a ampliação de conceitos e discussões sobre o risco. No entanto, optou-se por definições que pudessem auxiliar na ampliação das reflexões sobre a prática dos esportes que envolvem situações de risco realizadas na Natureza. A partir deste breve mergulho na literatura é possível levantar algumas questões como: A vivência do risco físico é deliberadamente escolhida pelos praticantes de esporte na Natureza? O que o risco representa para esses praticantes? Esses questionamentos emergem para a construção de novos olhares a respeito do risco nas atividades esportivas contemporâneas.

**Palavras-chave:** Risco Cultivado. Atividades na Natureza. Esporte.